

# Começando com a Resposta<sup>1</sup>

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>2</sup>

Numa mensagem anterior a você, escrevi: “Sabemos que o axioma da revelação bíblica é verdadeiro porque Deus o revelou, e sabemos que Deus o revelou porque o mesmo axioma logicamente inegável assim nos diz. Isso é pressuposicionalismo”.

Como diz a Confissão de Westminster Confession: “A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (que é a própria Verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus”.

Deixe-me fazer um ponto relacionado sobre isso.

Eu escrevi uma resposta ao problema do mal,<sup>3</sup> mas essa resposta não seria necessária se não houvesse primeiramente um *problema* do mal. O mal em si mesmo não é nem uma questão nem uma objeção, assim, ele não demanda uma resposta, defesa ou explicação de nós, mas uma resposta é necessária somente quando alguém faz dele um *problema* do mal, isto é, uma objeção.

Como uma criança antes da conversão, e então por algum tempo após a conversão, eu nunca tinha considerado o *problema* do mal, embora tivesse refletido sobre o mal em si mesmo. Nunca me ocorreu que o mal fosse um problema contra o Cristianismo. Certamente Deus poderia fazer o que ele quisesse, eu pensava, e certamente ele é justo em tudo o que ele faz. Até esse momento nunca tinha considerado essa crença positivamente sustentada como uma resposta para qualquer objeção contra o Cristianismo; contudo, essa é precisamente uma das principais respostas bíblicas ao problema do mal.

Observe, eu comecei com a resposta, mas nunca considerei as objeções contra ela, assim, nunca a considerei como uma resposta a algo – para mim, ela era simplesmente a pura verdade. Mas então, à medida que me tornei ciente que havia almas rebeldes que desafiavam a palavra de Deus,<sup>4</sup> transformei isso numa resposta contra as objeções; todavia, ela é a mesma verdade, apenas expressa e empregada agora de uma forma que funcione como uma resposta contra desafios particulares.

---

<sup>1</sup> O que se segue é uma mensagem editada que enviei como parte de uma discussão sobre apologética.

<sup>2</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com).

<sup>3</sup> Veja Vincent Cheung, “O Problema do Mal”.

<sup>4</sup> Sem dúvida, eu também era uma alma rebelde antes da minha conversão, mas a verdade é que eu nunca tinha qualquer objeção consciente contra o Cristianismo.

A Bíblia é verdadeira porque Deus revelou a verdade nela – enquanto não houver desafio a isso, não há apologética envolvida. Assim, a apologética sempre implica a presença de pecado. Se não tivéssemos pecado, sempre creríamos imediatamente em tudo o que Deus nos diz. Não haveria objeções contra as quais nos defendermos, e não haveria crenças falsas para atacarmos. Se não há rebeldia e incredulidade, não há necessidade de apologética, embora ainda haja teologia. Quando usamos a abordagem bíblica ou pressuposicional da apologética, estamos usando o que positivamente afirmamos em nossa teologia para interagir com nossos oponentes de uma forma tal que a revelação agora funcione como uma arma defensiva e ofensiva.

Essa é uma diferença essencial entre a abordagem bíblica ou pressuposicional e a abordagem clássica ou evidencial.

Na apologética bíblica ou pressuposicional, começamos com a resposta, de forma que algo do que dizemos na apologética depende da natureza do desafio, visto que nossa apologética é realmente uma adaptação da nossa teologia para uma situação particular.

Por outro lado, a abordagem clássica ou evidencial começa a partir de um ponto que está muito longe da resposta, e então tenta conseguir a resposta a partir dali. Ela começa deliberadamente a partir do próprio ponto de partida do pecador – a partir da intuição subjetiva de alguém, de uma sensação falível ou de um axioma falso. Visto que seu próprio ponto de partida (comum com o do pecador) não é a resposta, e não é uma palavra da parte de Deus, deve-se argumentar ainda se não havia nenhuma incredulidade, rebeldia ou objeção. Esse não pode ser o modo de pensamento do céu, mas nós temos a mente de Cristo mesmo agora.

Se a revelação é realmente a resposta, e se é somente através da revelação que podemos verdadeiramente entender e interpretar algo, então é auto-destrutivo colocar de lado essa revelação necessária para voltar à revelação a partir de algum ponto de partida não-bíblico, cujo ponto de partida é adotado, antes de tudo, somente por causa da pecaminosidade e rebeldia do homem.

Assim, para aprender a abordagem bíblica da apologética,<sup>5</sup> devemos nos tornar familiares com o sistema bíblico – isto é, o que a Escritura revelou sobre vários assuntos e suas relações uns com os outros.<sup>6</sup> Devemos entender também que coisas que são necessárias para todo sistema intelectual, de forma que possamos captar e criticar todo sistema oposto à medida que nos deparamos com ele.<sup>7</sup>

Se não há desafio contra a revelação, então ela continua sendo verdadeira sobre sua necessidade lógica e autoridade auto-atestadora – pois Deus não pode jurar por alguém maior que ele mesmo – e esse é o sistema de verdade que afirmamos. À extensão em que entendemos corretamente a Escritura, não há modificações essenciais para o nosso entendimento desse sistema revelado, mesmo quando chegarmos ao céu, mas somente entendimento acrescido da mesma revelação, bem como adições a ele.

<sup>5</sup> Ela tem sido apropriadamente chamada por vários nomes, tais como, dogmatismo, pressuposicionalismo, racionalismo bíblico, fundamentalismo bíblico, etc

<sup>6</sup> Veja Vincent Cheung, *Teologia Sistemática, Questões Últimas, e Confrontações Pressuposicionalistas*.

<sup>7</sup> Veja Vincent Cheung, *Apologética na Conversação*.

Ao mesmo tempo, o sistema bíblico também exclui logicamente todos os sistemas não-bíblicos, de forma que enquanto nosso sistema permanece verdadeiro e defensável, todos os outros são falsos por necessidade. Então, quando há um desafio direto contra ele, precisamos apenas adaptar seu conteúdo para decididamente respondê-lo, tanto para defender nossa fé como para esmagar nosso oponente.

Em outras palavras, ao praticar uma abordagem bíblica ou pressuposicional da apologética, estamos agindo como instrumentos de Deus para liberar sua própria sabedoria revelada para vindicar a si mesmo e derrotar o inimigo. Antes do que usar nossa intuição, ou raciocínios falaciosos para testificar sobre Deus, nossa apologética é essencialmente uma expressão e aplicação do testemunho de Deus sobre si mesmo, visto que Deus é sua melhor testemunha, e ele não pode jurar por ninguém maior que ele mesmo.<sup>8</sup>

**Fonte:** *Captive to Reason*, Vincent Cheung, 6-8.

---

<sup>8</sup> Essa é uma explicação teológica do que acontece na apologética bíblica ou pressuposicionalista. Para mais informação, incluindo instruções práticas, recomendo a exposição de Atos 17 no meu livro *Confrontações Pressuposicionalistas*, bem como meu livro *Apologética na Conversação*.